



MESA DE BISBILHOS ESCONDIDOS

THE TABLES OF LAPPING SOUNDS

 <https://orcid.org/0000-0002-3418-0471> Mirian Celeste Martins^A
 <https://orcid.org/0000-0002-1795-6231> Renata Queiroz de Moraes Americano^B

^A Universidade Presbiteriana Mackenzie UPM, São Paulo, SP, Brasil

^B Instituto Acaia e Universidade Presbiteriana Mackenzie UPM, São Paulo, SP, Brasil

Recebido em: 06 out. 2025 | Aceito em: 27 out. 2025

Correspondência: Mirian Celeste Martins (miriancelestemartins@gmail.com)

Resumo

Uma questão norteou a pesquisa da qual apresentamos uma de suas proposições: As linguagens artísticas, em qualquer uma das suas modalidades, contribuem para a construção de um olhar sensível, pensante, ativo e interdisciplinar dos docentes? Tendo como metodologia a a/r/tografia (Irwin, 2008), muitas proposições artísticas foram realizadas em grupos diversos com professores em formação continuada. Neste artigo, apresenta-se uma dessas proposições - mesa de bisbilhos escondidos - especialmente inventada para provocar a reflexão dos estudantes do curso de Pedagogia sobre o trabalho com projetos. Essas mesas são compreendidas como um lugar de provocação para pensar a partir de materialidades oferecidas. Para conectar com a prática de sala de aula, a mesa foi inspirada em um projeto desenvolvido durante a pandemia de modo online com um grupo de crianças de quatro anos por uma educadora de uma escola particular. A leitura do livro de poemas “escondidos” gerou muitas ações e jogos que envolveram as crianças e seus familiares. Do mesmo modo, preparar uma mesa de escondidos para futuros pedagogos, trouxe à tona o conceito de objeto propositivo que nasce de Lygia Clark, uma artista propositora. Objetos escondidos em pequenas e grandes caixas causaram estranhamento e convidaram para explorar, pensar e compartilhar descobertas. Procurando entre os escondidos, a compreensão do que pode ser um projeto e objetos propositivos, e a percepção da importância dos mediadores culturais foi compartilhada por meio de sussurros, sutilezas e miudezas que conseguiram dar pistas de como trabalhar com projetos. O resultado desta proposição, assim como em outras, evidenciou que a teoria pode transbordar na prática que move corpos sensíveis e pensantes e contribuir na formação docente inventiva, compromissada e interdisciplinar.

Palavras-chave: Formação docente; Formação estética; Objetos propositivos; Linguagens expressivas; Materialidade.



Abstract

One question guided the research from which we present one of its propositions: Do artistic languages, in any of their modalities, contribute to the construction of a sensitive, thoughtful, active, and interdisciplinary perspective among teachers? Using a/r/tography (Irwin, 2008) as the methodology, numerous artistic propositions were carried out with diverse groups of teachers in continuing education. This article presents one of these propositions—the tables of lapping sounds, (*Mesa de Bisbilhos Escondidos*)—specifically invented to provoke reflection among Pedagogy students about project-based learning. These tables are understood as a place of provocation for thinking based on the materialities offered. To connect with classroom practice, the table was inspired by a project developed online during the pandemic with a group of four-year-old children by an educator in a private school. Reading the book of "hidden" poems generated many actions and games that involved the children and their families. Similarly, preparing a table of hidden things for future educators brought to light the concept of the proposing object, which originates from Lygia Clark, a proposing artist. Objects hidden in small and large boxes caused estrangement and invited exploration, thought, and shared discoveries. Searching among the hidden items, the understanding of what a project and proposing objects can be was shared through whispers, subtleties, and small details that provided clues on how to work with projects. The result of this proposition, as in others, evidenced that theory can overflow into practice, moving sensitive and thoughtful bodies and contribute to inventive, committed and interdisciplinary teacher training.

Keywords: Teacher training; Aesthetic education; Proposing objects; Expressive languages; Materiality.

Escondidos quase revelados

*Dentro do armário tem um jardim.
E em cada gaveta, uma estação diferente.
As meias se confundem com as folhas amarelas.
E ao lado das camisetas florescem samambaias.
Chove, chove, chove entre os sapatos.
E os vestidos já não suportam outro dia de verão.*
Ferrada e Matamoros (2016, p.22)

O que será que as gavetas escondem? Guardam ou escondem nossos segredos, nossas memórias? Basta, porém, escapar um fio para desvelar o que guardamos com tanto carinho. Basta encontrar uma caixinha de guardados...

Para Iberê Camargo (1998) a memória é a gaveta dos guardados; nela guardamos os cheiros, as cores, os sons, as sensações, os afetos, as histórias e tudo mais. Tudo cabe na memória, mas nem tudo fica guardado. Há coisas que persistem em escapar, que recusam a ficar guardadinhos no fundo da gaveta e voltam às nossas memórias, atualizando sensações, pensamentos, sentimentos. Outros ficam escondidos, sufocados, e há os bisbilhoteiros que querem aparecer e se conectar para conversar.

“Meu paletó abraça seu vestido e o meu sapato ainda pisa no teu”, em um gesto amoroso, disse Chico Buarque (1980) na música *Eu te Amo*. Que abraço mais convidativo! Ele enlaça o ouvinte com emoções e o convida para entrar nas memórias afetivas de um casal. A gaveta dos guardados nessa música é o armário que esconde e guarda tantas histórias e momentos de amor de um casal.

“Todo poeta dos móveis - mesmo um poeta em sua mansarda, um poeta sem móveis - sabe por instinto que o espaço interior do armário é profundo. O espaço interior do armário é um *espaço de intimidade*, um espaço que não se abre para qualquer um” (Bachelard, 1993, p.91, grifos do autor). É um espaço de memórias, carregado de histórias e de esperanças, de promessas.

Assim, refletindo sobre os guardados escondidos, retomamos a ideia de mesas ateliês, chamadas de Mesas de Bisbilhos criadas por Renata Americano (2024, 2025). Bisbilhos definidos como um leve mur-múrio de pequenas correntes de água, remetem a sutileza e delicadeza do som da água.

A Mesa dos Bisbilhos é entendida como objeto propositivo, ela foi criada para provocar reflexões sobre como se ensina e se aprende. A cada vez, uma mesa diferente é organizada. Elas são inspiradas na ideia de um ateliê e têm como proposta provocar os sujeitos envolvidos por meio de experimentações e experiências. Os materiais

oferecidos nas mesas são esco-lhidos para gerar desafios e conexões com afe-tos, memórias e alimentos estéticos (Americano, 2025, p.19)

Assim, a Mesa de Bisbilhos Escondidos foi criada com muitas e diversas caixas com materiais como provocações para conversa, como perguntas silenciosas, como objetos propositores, gerando estranhamentos e convites para pensar e manipular.

Neste artigo, partimos de uma proposta para crianças em tempos de Pandemia, a qual se transformou na Mesa de Bisbilhos Escondidos realizada em três turmas de estudantes do curso de Pedagogia. Encontros de lembranças de histórias vividas ganham outras reflexões, novas emoções e experiências estéticas, construindo uma nova narrativa. Desejos de compor, de trocar, de ser escutado. Encontros preciosos das memórias que se abrem para novas perspectivas. Memórias muitas vezes silenciosas que só foram escutadas na delicadeza dos bisbilhos.

Atravessamentos de Bisbilhos

O desafio era apresentar o conceito de projeto na disciplina *Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Arte* no segundo semestre do curso de Pedagogia. Como, então, provocar estudantes a refletirem sobre a ideia de projeto na educação infantil? Como se inicia um projeto?

Na época, Renata Americano estava mergulhada em sua tese e criando muitas mesas para provocar docentes a pensar sobre suas práticas pedagógicas e por isso foi chamada a participar deste primeiro encontro com a turma. A proposta não era ensinar mais uma teoria, mas sim apresentar um caminho subjetivo por onde entendemos que um projeto percorre. Nossa compreensão é a de que um projeto nasce da leitura que um educador faz das vontades, necessidades e interesses de um grupo. Segundo Madalena Freire (2008) a vontade é fugaz, não sobrevive aos primeiros desafios, o interesse, entretanto, é o contorno do que se quer aprender e a necessidade não é explícita, ela precisa ser lida com maior profundidade, pois muitas vezes está escondida embaixo de muitas camadas da vontade.

Um projeto se constrói com base nessas três premissas: a vontade é o que virá à tona primeiro, impulsionando o interesse. O interesse persiste um pouco mais e é sustentado quando vinculado à necessidade. A necessidade, quando “des-coberta”, revela os desejos que precisam ser trabalhados. Estes se configuram como o problema a ser perseguido durante o processo, mas não de uma maneira rígida; é importante dar vazão às novas possibilidades que surgem.

O objetivo inicial era evidenciar que um projeto poderia ser iniciado a partir de uma escuta. Para planejar, puxamos o fio da meada e nos lembramos de um projeto desenvolvido com uma turma de quatro anos durante a pandemia, realizado de modo online, por Luiza Americano Grillo, professora de uma escola particular de São Paulo, que compartilhou conosco sua experiência. Por a considerarmos bastante significativa, acabamos escolhendo-a como nossa inspiração. Naquele momento, acreditávamos que contar sobre um projeto real poderia indicar alguns caminhos.

O projeto em questão aconteceu durante a pandemia, momento em que todos estavam em casa, escondidos do vírus. Essa ideia não saía da cabeça das crianças. A professora Luiza percebeu que surgia um tema a ser estudado: esconder. Esconder-se da doença, esconder coisas, esconder de alguém... Em todo encontro, a professora realizava a leitura de uma poesia do livro: *Escondido*, de Maria José Ferrada e Rodrigo Marín Matamoros (2016), instigando as crianças a pensar o que poderiam ter escondido nos objetos de casa. No final, abria um pequeno baú e sempre tirava alguma surpresa de lá de dentro, objetos que intrigavam e geravam suspense. As crianças esperavam por esse momento tão mágico com muita ansiedade. Luiza propôs que cada um procurasse caixinhas em casa para esconder o que quisessem. E assim a brincadeira foi ganhando força e a cada dia as crianças estavam mais empolgadas.

A leitura do livro: *O homem que amava caixas* (King, 1995) motivou ainda mais as experiências do grupo. Caixas e esconderijos geraram muitas possibilidades de trabalho com aquela turma. A brincadeira foi crescendo: cada vez que alguém entrava na tela elas se escondiam, faziam cabaninhas, encobriam as letras dos nomes entre outras propostas interessantes. O projeto terminou com um caça ao tesouro no quintal da escola. As crianças em suas casas criaram pistas que foram enviadas para a escola e escondidas por adultos que também contribuíram para encontrá-las. Um jogo bem divertido que envolveu um grupo todo e seus familiares. Muitas questões foram trabalhadas com esta temática.

Com inspiração nesse projeto, pensamos na criação de uma Mesa dos Bisbilhos Escondidos, uma proposta para começar uma conversa sobre projetos e objetos propositores na Educação Infantil. Iniciava-se, então, uma investigação conjunta- uma parceria de duas artógrafas com vontade de entender como as provocações da mesa dos Bisbilhos Escondidos poderiam reverberar em cada um dos participantes e nas pesquisadoras. Os objetos propositores tinham a função muito clara de convidar ao toque, à participação, para despertar sensações. Eles foram pensados e estudados para que fossem atrativos e instigadores, ou seja, para que não

passassem despercebido pelas futuras docentes. O resultado foi curiosidade aguçada e espírito investigativo aceso.

Pesquisa artográfica: uma chave para proposições

O quanto uma mesa ateliê consegue provocar reflexões? A Mesa dos Bisbilhos Escondidos é potente para fazer com que os estudantes percorram novos caminhos de entendimento sobre seus saberes? Essas questões ampliaram a pesquisa que desenvolvemos com professores de arte de muitas universidades (Makino e Martins, 2025) a partir da pergunta: “As linguagens artísticas, em qualquer uma das suas modalidades, contribuem para a construção de um olhar sensível, pensante, ativo e interdisciplinar dos docentes?”

A escolha pelo caminho artográfico como metodologia de pesquisa possibilita relações intervencionistas que geram significados mais subjetivos e expressivos. A artografia, escrita em sua origem como a/r/tografia onde A se refere ao artista; o R ao pesquisador (researcher) e T ao professor (teacher) e por nós aportuguesada, é ancorada no tripé: artista, professor e pesquisador que se complementam nos olhares de diferentes pontos de vista para criar e recriar significados. Os aspectos teóricos e práticos são fundamentais; por isso existe um equilíbrio entre eles. Ambos são essenciais para a investigação e as proposições pensadas são baseadas em conhecimentos teóricos que guiam os caminhos construídos ao longo do processo.

A/r/tógrafos são capazes de criar artefatos e textos que representam a compreensão adquirida a partir de suas perguntas iniciais, no entanto eles também prestam a devida atenção para a evolução dos problemas durante a investigação. Muitas vezes, é aqui que o projeto a/r/tográfico se torna um ato transformador da investigação.” (Irwin, 2013, p. 29).

A transformação dos projetos que se filiam nos acontecimentos como pesquisa viva também se fez presente no objetivo inicial, como apresentamos a seguir e justifica o conceito de que a arte influencia a construção de saberes. Para Dias (2013), ao realizar uma pesquisa com base em arte valorizam-se categorias como a imaginação, a incerteza, a ilusão, a introspecção e o dinamismo, Essas categorias são encontradas nas relações que vão sendo elaboradas com os participantes. Uma pesquisa artográfica não se apoia *no fazer para e sim no fazer com*, portanto ela vai se constituindo no decorrer do processo. É uma investigação que faz intervenções e produz intravenções, isto é, modifica também quem a faz.

Segundo Rita Irwin (2013, p.143), “a a/r/tografia é uma pesquisa Viva, um encontro construído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais”. As

imagens são consideradas como um elemento fundamental nas pesquisas, por serem entendidas como ideias que constroem significados. São consideradas textos visuais e não apenas ilustrativas. Como parte da investigação precisam ser lidas antes da legenda. Por esse motivo algumas normas da ABNT são problematizadas, pois o título de uma imagem não deve vir antes da própria imagem para não interferir na sua leitura.

A pesquisa baseada em arte nos fundamentou para perseguirmos nossos propósitos de apresentar de uma outra maneira um conceito, que no início era sobre projetos e objetos propositores na Educação Infantil, mas que foi se transformando nos modos de investigar as memórias das infâncias e os repertórios culturais. Os resultados da primeira mesa ofereceram novas questões, pois uma investigação que nutre a produção de conhecimento, ao teorizar a prática, coloca a teoria em prática.

Mesas de Bisbilhos Escondidos: três experiências estésicas

Uma mesa para provocar, como um objeto de Lygia Clark¹. Artista que instaura a arte contemporânea brasileira, cujas obras buscavam a interação com o público causando um estranhamento ao mesmo tempo em que convida para viver uma experiência sensível. E que inspira o convite para mexer, experimentar, descobrir o que está escondido em cada caixinha ou caixa grande, procurando entre os escondidos sussurros, sutilezas e miudezas que conseguissem dar pistas de como trabalhar com projetos.

Foram muitas caixas de vários formatos e tamanhos. Em cada uma delas havia um objeto escondido, escolhido com muito cuidado para provocar estranheza, deslocar lembranças, aguçar afetos.



Figura 1: Mirian Martins. *Delicadezas escondidas*, 2023.

Par fotográfico composto por duas fotografias digitais.

Fonte: acervo pessoal.

Renata organizou a mesa com a sensibilidade à flor da pele, escolhendo e cuidando amorosamente de cada detalhe. A intencionalidade era desestabilizar percepções, crenças e certezas para abrir espaço a novas formas de relação com a aprendizagem. O propósito inicial era permitir que estudantes experimentassem os materiais dispostos livremente. Planejavamos iniciar uma conversa sobre projetos em seguida, mas a experiência foi tão intensa que os comentários nos apontaram outros caminhos. Ao tocarem os objetos, o modo de conhecer foi sendo transformado, como afirma Rita Irwin (2013, p.140): “O toque se converte em um modo de conhecimento através da proximidade e da relacionalidade e aponta diferentes formas de dar sentido ao mundo desafiando o mecanismo da percepção visual.”.



Figura 2: Renata Americano. *Olhando com o caleidoscópio*, 2023. Fotografia.
Fonte: acervo pessoal.

Ao tocarem, mexerem e bisbilhotarem foram aparecendo muitas histórias da infância, lembranças das aulas de artes e caminhos de aprendizagem. Entendemos, olhando para o rizoma que se formava, que a nossa rota inicial seria mudada. Abrimos espaço para as percepções de cada um ao descobrirem os “segredos” escondidos nas caixinhas. Muitas histórias foram se conectando e o tempo se mostrou insuficiente para tantos afetos desvelados. Novos significados foram criados e compartilhados ao redor daquela mesa, que na verdade estava montada no chão da sala de aula. Uma criação coletiva para a compreensão dos percursos pessoais e coletivos de como cada um se relacionava com a arte.

A experiência cativante e estética revelou especialmente histórias de infâncias. Assim como tantas mesas de Renata que são revividas por docentes inquietos, Mirian Celeste também a recriou em outra turma no ano seguinte. Como pesquisa docente que continua no sentido de promover encontros com a arte e as aprendizagens possíveis, o objetivo passou a ser levantar histórias de infâncias na relação com a arte e a cultura.

Inúmeras caixas e muitas surpresas precedidas por uma escolha cuidadosa de objetos que poderiam suscitar conversas, histórias e memórias de encontros potentes. Como na primeira mesa proposta por Renata, a exploração, o gesto delicado, a fala emocionada, o compartilhamento de momentos de vida se manifestaram. Cada lembrança abria um portal para outras, como se a caixinha da memória fosse abrindo aos poucos.



Figura 3: Mirian Martins. *Descobertas desveladas I*, 2023.
Foto ensaio composto por oito fotografias digitais da autora.
Fonte: acervo digital.

A conversa inicial gerou portfólios individuais com muitas fotografias de danças no palco da escola, de trabalhos de pintura e também o universo mais amplo dos espetáculos, filmes e viagens que fizeram, revelando os mediadores culturais responsáveis pelos encontros com arte e cultura. A família foi a mais lembrada, com pais, mães, avós, tias e madrinhas como cicerones de viagens fantásticas pelo mundo da arte, da ciência, da história - enfim, da cultura. Com certa frequência, entretanto, é apenas a escola que possibilita essa entrada no universo da arte e da cultura e, quando isso ocorre, o nome do professor é lembrado afetuosamente. A responsabilidade da escola é esmagadora nesse sentido, No entanto, a falta de oportunidades também foi percebida, dificultando ou roubando a potência da arte e da cultura presente em uma cidade como a nossa em São Paulo. Há muitos espetáculos e exposições gratuitas, mas, se não há incentivo, muito se perde. A afirmação de Porcher (1982, p. 46) ainda é verdadeira:

Em matéria de sensibilidade, não existe formação de adultos, recuperação ou reciclagem com que se possa contar. Se a escola não empreender, desde os primeiros anos de escolaridade, o trabalho de sensibilização estética que é necessário, inclusive através de audições sistemáticas de discos, apresentação sistemática de obras de artes plásticas, cinematográficas etc... aqueles que não puderam beneficiar-se de um ambiente familiar favorável jamais sairão do analfabetismo sensorial e do consumismo embotado.

É contra este problema que foi criado o *Projeto Ambiências Educadoras* que desde 2019 promove encontros com arte e cultura com estudantes do curso de Pedagogia envolvendo hoje sete etapas e dezessete docentes dos mais diversos componentes curriculares. Um livro publicado em 2024, organizado pelos iniciadores do projeto conta esta história que continua (Martins et al, 2024).

Em outra turma, recentemente, mais uma Mesa dos Bisbilhos Escondidos. Novamente escolhas afinadas para provocar memórias de infância e descobrir mediadores. No caderno de narrativas das aulas, Jayane Fidelis de Oliveira escreveu:

Foi incrível ver como objetos tão simples podiam trazer lembranças tão vivas. Alguns lembraram de suas aulas de balé, suas aulas de teatro, figurinhas e até do pote de remédios do avô que hoje é usado para sorvete. A aula virou uma viagem ao passado, mostrando que por mais que o tempo passe, algumas lembranças continuam vivas dentro de nós.



Figura 4: Mirian Martins. *Descobertas desveladas II*, 2024.
Foto ensaio composto por oito fotografias digitais da autora.
Fonte: acervo pessoal.

Textos ampliaram as descobertas a partir dos escondidos e foram compartilhados na aula seguinte. Tais reverberações impulsionaram outras reflexões. Juliana Aline de Oliveira poetizou o momento:

Noite de arte e conexão

Na sala a luz suave a tensão no ar.
A professora de artes veio nos inspirar.
Relatos da aula passada, memória à flor da pele.
Despertamos a criança que em nós ainda se atreve.
Falamos de histórias, de brincadeiras vividas, de risos contagiantes e alegrias queridas.
A percepção se ampliou, cada um, sobre o outro descobriu.
Nossos laços se fortaleceram, o afeto fluiu.
Entre risos e olhares, os colegas se revelaram.
Histórias ocultas que a vida nos guardou e agora brilharam.
De repente éramos mais do que rostos na graduação.
E a sala se tornou um espaço de conexão.

Desvelamentos

No compartilhamento de ideias, no acompanhamento de uma tese, e na vivência artográfica que nos conecta com a vida e seus transbordamentos, trouxemos à tona os processos da Mesa de Bisbilhos Escondidos. Escreve Renata nas últimas páginas de sua tese, hoje transformada em livro:

Com o que foi vivido e pelos depoimentos informais, ficou clara a importância de se oferecer espaços como esse para a formação de docentes. Espaços organizados com cuidado e preocupação estética, rico em materiais, que favoreçam um diálogo compartilhado. Espaço de escuta, em que todas e todos compartilhem e se escutem. Conhecer o outro de verdade, nas suas histórias pessoais, que se conectam com o dia a dia da docência de cada uma e de cada um. (Americano, 2025, p. 223)

A partir de sua criação com esta mesa, nascida para uma ação no curso de Pedagogia, e do que aprendemos juntas, escrevemos este artigo. Sabemos que: “O trabalho intelectual, imaginativo e perspicaz criado pelos artistas e educadores praticantes se baseia em formas de pesquisa recursivas e reflexivas comprometidas com a teorização para a compreensão” (Irwin, 2013, p.141). Documentar o processo vivido nos fez refletir e perceber que a prática e a teoria se movem em uma espiral que amplia e ressignifica em movimento de difração, como um comportamento ondulatório capaz de estar atento às diferenças e obstáculos, mas que consegue seguir pelas brechas e frestas.

A experiência estética foi vivida intensamente. É experiência porque ela nos tocou, nos moveu, confirma Larossa (2016). É experiência porque é integral, interligada e com qualidade diria Dewey (2010). Ao utilizarmos estesia como a tradução do termo *aisthesis*, antônimo da anestesia, valorizamos a experiência sensível que pode nascer da surpresa, do encantamento, da curiosidade e do espanto.

O termo *aisthesis* designa o modo de experiência a partir do qual, há dois séculos, reconhecemos como pertencentes a arte coisas muito diversas em suas técnicas de produção e em sua destinação. Não se trata da “recepção” das obras de arte. Trata-se do sentido de experiência sensível no seio do qual são produzidas. (Rancière, 2021, p. 7).

Modos de percepção, afetos e formas de interpretação marcaram a experiência estética que gerou significados e reflexões que acenderam saberes e construíram conhecimentos. Entretanto, não saberemos se para todas as turmas as vivências serão como um “acumulador de energia”, como preconizou Vigotsky (2001, p. 343), pois “[...] toda a vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhos”. Este é nosso esperar...

Também esperamos que o registro e a reflexão sobre o processo vivido alimentem outros docentes para descobrir as estesias, o “frio na barriga” e a inquietude de preparar um lugar, de escolher cuidadosamente objetos e esperar pelo despertar de corpos talvez cansados, mas que descubram a alegria de descobrir a si, ao outro, a tantas histórias, com e por meio das linguagens artísticas e das culturas que habitam em simples objetos escondidos. Trata-se de um processo mediador que revela a necessária humanidade docente e nos anima a seguir...

Enfim, o que aconteceria se nossa próxima mesa fosse essa abaixo?



Figura 5: Renata Americano. *Brinque*, 2023. Fotografia digital.

Fonte: acervo pessoal da autora.

Referências

AMERICANO, Renata Queiroz de Moraes. *Ao redor da mesa dos Bisbilhos com docentes das Escolas das Águas no Pantanal Sul-Mato-Grossense*. São Paulo: Acaia Pantanal, 2025.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 11, N. 3 - pág. 172-185 set-dez de 2025: “Formação Docente, Educação Infantil e Arte” – DOI: 10.12957/riae.2025.94561

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BUARQUE, Chico. Eu te amo. In: BUARQUE, Chico, *Vida*. Rio de Janeiro: Universal Music Group 1980.
- CAMARGO, Iberê; MASSI, Augusto. *A gaveta dos Guardados*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIAS, B.; IRWIN, R. *Pesquisa educacional baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013.
- FERRADA, Maria José; MATAMOROS, Rodrigo Marin. *Escondido*. São Paulo: ÔZé Editora, 2016.
- FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- IRWIN, Rita. A/r/tografia como metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução. In: DIAS, B.; IRWIN, R. *Pesquisa educacional baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013.
- LAROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- KING, Stephen Michael . *O Homem que amava caixas*. Vila Velha: Brinque Book, 1997.
- MARTINS, Mirian Celeste. A a/r/tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. *Revista Trama Interdisciplinar*, v. 13, n. 2, p. 17-28, jul./dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v13n2p1>. Acesso em 19 out 2023.
- MARTINS, Mirian Celeste; MAKINO, Jéssica. Sobre o GPAP: infiltrações investigativas em Arte e Educação. In: CARVALHO, Francione Oliveira; SABINO, Kelly Sabino [Org.], *Educação e Arte da ANPEd: potência do coletivo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025, p. 231-246.
- MARTINS, Mirian Celeste; CARDOSO, Débora; LOPES, Maria Elisa Pereira e PAIANO, Ronê (orgs.) et al. *Ambiências Educadoras: objetos propositores em ação*. São Paulo: LiberArs, 2023.
- PORCHER, L. *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.
- RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: cenas do regime estético da arte*. São Paulo: Ed. 34, 2021.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ⁱ Textos e obras de Lygia Clark (1920-1988) podem ser acessados no site disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/>. Acesso em 20 out. 2025.